

A REVOLUÇÃO DO AMOR

Recentemente li um livro interessantíssimo do filósofo francês Luc Ferry, chamado *A revolução do amor. Por uma espiritualidade laica*. Aliás, recomendo a leitura. Este autor prega que está em curso um novo iluminismo, cujo principal expediente é o amor que medeia as relações cotidianas das pessoas e que dá sentido à existência humana. Para Luc Ferry¹, “hoje, no Ocidente, ninguém arrisca a própria vida para defender um Deus, uma pátria ou um ideal de revolução. Mas vale a pena se arriscar para defender aqueles que amamos. Vivemos a revolução do amor, e esta é a melhor notícia do milênio.”

A expressão amor é plurívoca na sua definição. Pode ser relacionada ao amor *eros*, que diz respeito à paixão carnal entre duas pessoas que se desejam; pode também ser entendida como o amor *filos* é aquele que diz respeito à relação humana de um querer o bem do outro, de se entregar a fazer o bem. É o amor fraternal, maternal, paternal. E há, ainda, o amor *Ágape* é aquele que não se gaba, que não se enfuma, que supera todas as coisas, que perdoa todas as coisas, que não procura seus próprios interesse, que dá sem receber, enfim, um amor divino.

Muito já se disse sobre o amor. Camões o retratou com uma expressão poética inalcançável. O apóstolo Paulo, em sua primeira Carta aos coríntios, também discorreu sobre este amor. E o amálgama destas duas renderam a belíssima *Monte Castelos*, interpretada pelo Legião Urbana.

Em tempo, como disse em outro texto, desafio alguém a apresentar uma ideologia moderna que não tenha um fragmento da pregação de Jesus Cristo. E o amor é a tônica de seu discurso, resumindo-se em dois dogmas: amar a Deus e ao próximo!

De fato, o amor é revolucionário. Ele liberta de medos, dá força àquele desesperado, acalenta a alma do amado, gera no amante uma sensação de bem-estar; permite a descoberta de que se entregar torna a vida mais completa. Põe limites ao egoísmo; consente que aprendamos com a pessoa amada e ensinemos a amante. Gera tolerância, perdão.

O amor “acalma, acolhe a alma”, “ajuda a viver”. Como é bom amar! Como é bom ser amado! Olho nos olhos de minha filha e é nítido que não se trata apenas de um mirar! É, antes de tudo, um fitar com emoção, com carinho, com entrega, com dedicação plena.

¹ Luc Ferry, *A revolução do amor. Por uma espiritualidade laica*, Companhia das Letras, 2011.

Nada se compara ao amor m(p)aterno. É pleno, é convicto, é transbordante.

Amar nos engrandece. Apoiar um amigo, tê-lo consigo, ajudá-lo quando necessário... Tudo isto é enobrecedor. Aliás, quando ajudamos alguém parece que quem de fato ganhou algo fomos nós próprios e não o ajudado, tamanha a dimensão que isto gera.

Li recentemente um reflexivo texto de um professor amigo. Dizia ele que amar o próximo é singelamente simples, posto que o próximo é parecido conosco. Por ser próximo, tem as mesmas raízes culturais, geralmente as mesmas ideologias, o mesmo padrão de comportamento social. No entanto, o grande desafio está em amar o distante.

O distante choca! O distante é diferente! O distante não é o ideal que temos como planejamento de vida! Sim, e daí?

O diferente é criatura humana como todos os outros. Se têm hábitos, comportamentos, posição social, cultural e religiosa diferente da nossa, porque não aceitá-lo? Amar não é apenas dar carinho físico e ter contato direto. Amar é respeitar, é tolerar! E como disse o italiano Gustavo Zagrebelsky, o único princípio absoluto é o da tolerância.

Tolerar não é concordar! Tolerar é admitir que haja diferença, que respeitemos a posição do outro e que busquemos o respeito à nossa posição.

O que não aceita a diferença não ama. Arrouba-se na arrogância de imaginar que tem a verdade “verdadeira” sobre as questões da vida e de que aqueles que não são iguais a ele são sempre os errados. Nestes tempos de “modernidade líquida”, na feliz proposta do austríaco Zygmund Bauman, não podemos ter por verdade absoluta uma proposta quando outros paradigmas existem.

A maioria nem sempre tem razão. Esta aceitou e embalou o nazismo... Foi a maioria que permitiu que um ladrão fosse solto (Barrabás) e que em seu lugar Jesus, um simples pregador de massas, viesse a ser morto.

Tolerar a diferença não é apenas tônica de amor. É também reconhecer que nossa proposta de vida é boa (ou talvez seja boa) para nós. Mas outros têm o direito de discordar dela. Praticar a intolerância pode ser perigoso. Os que hoje são intolerantes podem amanhã ser tratados da mesma forma.

JESUALDO EDUARDO DE ALMEIDA JUNIOR. Advogado. Prof. de Direito. Mestre e Doutor em Sistema Constitucional de Garantia de Direitos.